



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**JESSICA ELLEN DA ROCHA SILVA**

**“ANARQUISMO NÃO É BAGUNÇA”:  
ORGANIZAÇÃO, FORMAÇÃO E LUTA NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA MARIANO  
MARTINS**

**Redenção  
2018**

JESSICA ELLEN DA ROCHA SILVA

**“ANARQUISMO NÃO É BAGUNÇA”:  
ORGANIZAÇÃO, FORMAÇÃO E LUTA NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA MARIANO  
MARTINS**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do título em Bacharel em Humanidades.

Orientador: Leandro de Proença Lopes

Co-orientador: Francisco Raphael Cruz Mauricio

**Redenção  
2018**

JESSICA ELLEN DA ROCHA SILVA

**“ANARQUISMO NÃO É BAGUNÇA”:  
ORGANIZAÇÃO, FORMAÇÃO E LUTA NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA MARIANO  
MARTINS**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do título em Bacharel em Humanidades.

Redenção, \_\_\_\_\_ de Janeiro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes (Orientador) – IHL

---

Me. Francisco Raphael Cruz Mauricio (Co-orientador) – UFC

---

Avaliadora 1 – Profa. Ma. Iara Saraiva Martins – IFCE

---

Avaliador 2 - Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini - IHL

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>1.1 COLOCA OU NÃO O “ANABOLA” NA FAIXA?</b> .....	<b>5</b>
<b>1.2 ANARQUISMO: DE JUNHO DE 2013 AS OCUPAÇÕES DE 2016</b> .....	<b>6</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>9</b>
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	<b>10</b>
<b>3.1 OBJETIVO GERAL</b> .....	<b>10</b>
<b>3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICO</b> .....	<b>10</b>
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>11</b>
<b>5. METODOLOGIA</b> .....	<b>14</b>
<b>5.1 TÉCNICAS UTILIZADAS</b> .....	<b>14</b>
<b>5.2 LOCAL DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	<b>14</b>
<b>5.3 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES</b> .....	<b>14</b>
<b>5.4 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS</b> .....	<b>15</b>
<b>5.5 ANÁLISES REALIZADAS</b> .....	<b>15</b>
<b>5.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS</b> .....	<b>17</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>19</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>20</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Coloca ou não o “anabola<sup>1</sup>” na faixa?

No dia dois de maio de 2016, o Henrique Jorge, bairro periférico de Fortaleza, amanheceu com uma manifestação de estudantes e professores de várias localidades. O ato tinha o intuito de mostrar para a comunidade o porquê da greve dos professores do Estado<sup>2</sup> e a necessidade de fazer algo para melhorar a situação da educação pública. A onda de ocupações secundaristas no Ceará já tinha sido iniciada no dia 28 de abril pelo Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Maria Alves Carioca, localizado no bairro Bom Jardim<sup>3</sup>.

Depois do ato, os estudantes se reuniram no fundo da Escola de Ensino Médio Mariano Martins, localizada no Henrique Jorge, para definir quando e de que forma se iniciaria a ocupação da escola. Nessa reunião haviam estudantes de outras escolas que estavam participando do ato e que também queriam organizar uma ocupação na sua escola ou participar daquela. O “Mariano” acabou sendo um polo de concentração para escolas menores ou de outros bairros se organizarem como: Conjunto Ceará e Bom Sucesso, por exemplo.

Mediante a isso, foi escolhido o dia seis de maio para a realização de um sarau, o qual seria o início da ocupação no “Mariano”. A ação mostrou-se acertada, pois os estudantes poderiam levar as mochilas, colchões, caixas de som, etc, sem levantar suspeita da direção da escola, no caso, o diretor e a coordenação. No final da reunião, com a data marcada e com tudo definido, uma estudante que não havia entendido que a data da ocupação era segredo, acabou falando várias vezes da data perto de coordenadores da escola e por isso decidiu-se que se faria outro encontro durante a noite para escolher uma nova data. Pela noite decidiu-se antecipar a ocupação para o dia cinco de maio.

O dia chega e com isso muita correria para organizar o sarau que daria origem a ocupação. Esta começa no mesmo momento em que as bandas tocam. Naquele momento eu não tinha a dimensão de tudo que ainda aconteceria. No final do sarau, os estudantes estenderam a faixa e falaram: “Mariano está ocupado”. O diretor veio até o pátio localizado no fundo da escola e foi explicado para ele as pautas de reivindicação. Naquele instante, o diretor não impediu e não se

---

<sup>1</sup> Anabola é a palavra que designa o símbolo do anarquismo, que consiste no desenho de um “A” dentro de uma “bola”, de um círculo. É comumente utilizado por organizações políticas anarquistas e na contracultura punk.

<sup>2</sup> Greve dos professores do Estado do Ceará que iniciou no dia 25 de abril de 2016 e terminou no dia 09 de agosto de 2016, durando 107 dias. Os professores eram contrários a portaria 1.169/2015 que previa redução de carga horária e quantidade de profissionais lotados nas escolas. Eles reivindicam reajuste de 12,67%, além da convocação dos professores reclassificados no concurso de 2013, efetivação dos direitos de estabilidade, implantação do Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS) e ampliação definitiva da carga horária.

<sup>3</sup> É válido destacar que existia uma articulação entre as escolas antes da greve dos professores e que essa organização se dava antes, durante ou depois das assembleias dos professores e em outros locais e que foi definido em assembleia estudantil que a ocupação era a estratégia mais acertada, mas que ficaria aberto para que cada escola se organizasse.

pronunciou contra a ocupação, contudo, mais tarde, soube que aquilo tinha sido recomendação da Secretaria de Educação do Estado (SEDUC).

No momento da confecção da faixa, a estudante que a confeccionava perguntou se colocaria o “anabola”. Naquele instante havia estudantes que se identificavam com variadas ideologias. O mais irônico naquela situação é que alguns estudantes que abertamente se reivindicavam como anarquistas achavam melhor não pôr o “anabola” para evitar a criminalização da ocupação, visto estarem cientes que existe uma perseguição ao anarquismo por uma associação deste a desordem. No entanto, todos os presentes acabaram concordando com este símbolo na faixa. Naquele momento inicial consegui sentir que para aqueles estudantes, até para aqueles que não se identificavam com o anarquismo, essa ideologia tinha sua relevância. Assim iniciou-se a ocupação da Escola de Ensino Médio Mariano Martins.

## **1.2 Anarquismo: De Junho de 2013 às ocupações de escolas em 2016**

Muitos são os processos políticos em que o anarquismo construiu e colaborou, como a formação da primeira organização nacional de trabalhadores brasileiros, a Confederação Operária do Brasil (COB) e a Greve Geral de 1917 (KHOURY, 1981; DIAS, 1977; FOOT, 1982). O Levante de Junho de 2013 também foi um deles (FERREIRA, 2016). Nessa ocasião, diversos protestos marcaram o evento esportivo da Copa das Confederações, mostrando a contradição em investir verba pública em estádios, estacionamentos e promover diversas remoções, deixando várias famílias sem suas casas, sendo que as necessidades básicas como: saúde, educação e moradia precisavam/precisam desses investimentos. O aumento das passagens no transporte público em diversas cidades do país, serviram de estopim para uma revolta que atingiu abrangência nacional, levando milhões de pessoas para as ruas (FERREIRA, 2016; MORAES, 2016; SILVA, 2016).

Entendo que esse processo serviu de referência para impulsionar as ocupações de escolas secundaristas pelo país no ano de 2016. As ocupações surgiram para dar visibilidade aos problemas cotidianos enfrentados por quem estuda em escolas públicas<sup>4</sup>. No Brasil, no final de dezembro de 2015, foi anunciado pelo governador do estado de São Paulo Geraldo Alckmin e o secretário de educação Herman Voorwald o projeto da reorganização escolar. Este previa o fechamento de 94 escolas estaduais, atingindo mais de 300 mil estudantes. Uma das repercussões foi a realização de protestos de rua. Os manifestantes alegavam que se o referido projeto fosse aprovado, causaria a “precarização da precarização”, isso quer dizer, superlotação as salas, demitiria professores,

---

<sup>4</sup> Processo semelhante as ocupações de 2016 foi a chamada Rebelião dos Pinguins em 2006 no Chile, onde mais de um milhão de estudantes secundaristas organizados pelo país promovem diversas manifestações e ocupações de escola por melhorias na educação e consequentemente por transformações estruturais no país.

aumentaria o trajeto casa-escola.

No dia nove de novembro de 2015, a escola E.E Diadema (CEFAM) foi ocupada, iniciando assim, o que pode-se chamar de *ciclo de ocupações de escolas* pelo país. No Ceará, na capital e no interior, foram ocupadas no total 66 escolas. Essa pesquisa tem como intuito analisar o processo de ocupação da Escola Estadual Mariano Martins verificando a relevância do anarquismo para os ocupantes e as formas pelas quais aquela ideologia se expressava no cotidiano da ocupação.

Segundo Ferreira (2016, p.9):

A crise do Estado (de sua representatividade, legitimidade e autoridade) e as insurgências anticapitalistas estão colocando sérios desafios às ciências sociais no Brasil e no mundo. As revoltas nas periferias francesas (2005), depois da Grécia (2007-2008), Turquia (2011), Espanha e Chile (2012), Brasil (2013) e México (2014), sem contar as revoltas camponesas e indígenas no final do século XX e início do XXI (México 1994, Equador 1998-1999, Bolívia 1999-2000 e 2003-2005) podem ser consideradas como parte de um ciclo mundial de ofensivas capitalistas e resistências anticapitalistas. Pontos em comum de todas essas resistências foram a luta contra os efeitos do neoliberalismo, o questionamento do papel do Estado no processo de emancipação social e busca por formas horizontais de organização. (FERREIRA, 2016, p. 9)

As *insurgências* têm surgido como uma resposta, em forma de luta e organização, às consequências atuais do *capitalismo flexível* (FERREIRA, 2016)<sup>5</sup>. Ao observar a ocupação durante o trabalho de campo, pude ver nas relações cotidianas entre ocupantes, seja numa distribuição de tarefas ou numa assembleia, uma subversão da rotina escolar e a experimentação formas de organização que tensionavam as formas hierárquicas e centralizadoras presentes na dinâmica escolar anterior à ocupação. Essas práticas dos ocupantes e os discursos a ela vinculados em torno da *igualdade* e da *autonomia* são elementos presentes na ideologia e na prática anarquista.

O anarquismo esteve e está presente em diversos processos revolucionários e atuou como força significativa em momentos históricos para classe trabalhadora, mostrando a importância da organização e da autonomia nas lutas populares. Sendo assim, a pesquisa ora apresentada tem como intuito colocar em foco a presença do anarquismo nos processos de ocupação afirmando que ele está vivo e que trouxe consigo aspectos determinantes para as lutas de caráter combativo e revolucionário

---

<sup>5</sup> O termo “flexível” tornou-se a caracterização predominante do novo empreendimento capitalista nas últimas décadas do século XX. “Flexibilidade” e “Flexibilização” tornaram-se palavras para descrever as novas tendências do trabalho no século XXI. David Harvey caracteriza o novo regime de acumulação capitalista como sendo o regime da “acumulação flexível”. Para Richard Sennett, o novo capitalismo é um capitalismo flexível (ALVES, 2010, s/p).

dentro da sociedade. Desta forma, torna-se necessário fazer as seguintes reflexões:

Tipicamente, o anarquismo é apresentado na literatura de maneira bastante enganosa. Algumas vezes, ele é definido como uma forma de individualismo extremo, de relativismo intelectual e moral ou de violência arbitrária. Esta definição não possui bases substantivas e não consegue explicar por que dezenas de milhões de pessoas razoáveis organizaram-se, por gerações, para lutar pelo anarquismo, ou porque a grande maioria dos processos organizativos e militantes anarquistas foi pacífica, envolvendo protestos, organização por local de trabalho, iniciativas no campo da educação, da teoria, da publicação e das relações sociais cooperativas e igualitárias. (WALT, 2016, p. 84)

É crucial desmistificar essas ideias errôneas sobre o que é anarquismo, contestando esses pensamentos que sempre surgem como “verdades” e que circulam na academia como algo “natural” e pouco problematizado.

Diante disso, serão elaborados capítulos para entender a dinâmica da ocupação, as ideias e as práticas dos sujeitos que a compunham. A partir de entrevistas realizadas já com ocupantes, penso que os capítulos poderão ser estruturados com base em 3 eixos: organização, formação e anarquismo. Cada eixo será convertido em um capítulo e o quarto capítulo surgirá com o intuito de trabalhar as categorias nativas que circulavam nas falas dos ocupantes, como “comissão”, “pelego”, “autonomia”, entre outras. Como afirmou Lucien Van Der Walt, “a ampla tradição anarquista deve ser historicizada e não tratada como um tipo de fenômeno universal” (WALT, 2016, p. 158) e para que isso aconteça é crucial atentarmos para as formas de resistência que estão aparecendo como oposição ao capitalismo flexível e as formas de organização centralizadoras e hierarquizadas.



## 2. JUSTIFICATIVA

Estão surgindo novas formas de organização coletiva que significam uma resposta às ofensivas contemporâneas do capitalismo flexível. Torna-se importante que a academia se debruce na compreensão desse fenômeno, para o melhor entendimento das formas contemporâneas de ação e organização política.

Existem poucas referências bibliográficas sobre ocupações. Em nosso levantamento encontramos apenas um livro sobre o tema no Brasil e este refere-se exclusivamente às escolas localizadas no estado de São Paulo. Faz-se importante que um fenômeno político e de relevo para juventude e sociedade cearenses tenha a atenção da academia e dos pesquisadores.

“As insurgências são nexos históricos fundamentais para explicar as dinâmicas das sociedades nacionais, das formas de governo e dos sistemas políticos” (FERREIRA, 2016, p. 31), e torna-se necessário analisar profundamente as causas que levaram as e os estudantes das escolas a ocupar, entendendo os fatores políticos, sociais e econômicos e sua ligação com a realidade do movimento estudantil. Se torna claro a existência de um processo dialético entre autoridade-centralização *versus* liberdade-descentralização que se apresenta hoje sob forma de luta entre a “Autonomia no Estado” *versus* “Autonomia contra o Estado” (FERREIRA, 2016, p. 31). É nesse contexto que tem surgido uma conexão entre o anarquismo, enquanto teoria e prática revolucionária, e as ocupações como prática insurgente que visa contestar as formas hierárquicas de poder.

As ocupações ocasionaram diversos questionamentos a hierarquia escolar, o papel dos estudantes na gestão do ambiente escolar, o papel político dos estudantes na sociedade, sobre o que é o movimento estudantil, qual função dos partidos e entidades estudantis. Esta pesquisa tratará de um tema político, possuirá uma abordagem etnográfica, que é comum na antropologia, lidará com teorias sociológicas e buscará construir um registro histórico das ocupações de 2016. Nesse sentido, é um trabalho interdisciplinar, que vem a se encaixar na proposta do curso de Humanidades.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

- Análise da presença do anarquismo enquanto expressão política na ocupação pelos estudantes da Escola Estadual Mariano Martins.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Compreender como ocorreu o processo de ocupação da Escola Estadual Mariano Martins;
- Descrever o cotidiano da ocupação
- Analisar o que os ocupantes entendem por anarquismo

#### 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para análise do anarquismo enquanto ideologia e prática revolucionário em seus aspectos históricos, utilizaremos as recentes pesquisas desenvolvidas por Andrey Cordeiro Ferreira (2016; 2015) no âmbito do Núcleo de Estudos do Poder da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Os estudos sobre anarquismo são importantes para fundamentar a pesquisa porque auxilia a desenvolver teoricamente categorias chaves do universo social das ocupações como: autonomia e igualdade.

Para a análise dos movimentos sociais, com atenção aos chamados *novos movimentos sociais*, partiremos das reflexões de Gohn (2003; 2014). A autora desenvolve discussões que são interessantes para esta pesquisa. Ao trabalhar as expressões do movimento antiglobalização, em voga entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, Gohn percebeu o lugar que o anarquismo ocupou, enquanto uma orientação política geral e ética, nas elaborações das práticas e discursos do movimento. Assim, existem ligações interessantes que podem ser explorados de um ponto de vista teórico entre Ferreira e Gohn, que enriquecem a discussão proposta por essa pesquisa em torno das ocupações secundaristas como uma expressão contemporânea que possui elementos associados ao anarquismo. Outras contribuições para esta pesquisa são as reflexões sobre as manifestações de junho de 2013 de Gohn (2014) e Ferreira (2013; 2016), que possuem similaridades e diferenças entre si e serão analisadas durante a pesquisa.

As teorias da ação coletiva são ricas em categorias de análise sobre os movimentos sociais. Um autor interessante como referência para este trabalho é Sidney Tarrow. Para ele, a ação coletiva pode assumir variadas formas:

A ação coletiva pode assumir muitas formas – breve ou sustentada, institucionalizada ou disruptiva, monótona ou dramática. A maioria delas ocorre no interior de instituições, através de grupos constituídos que agem em nome de objetivos que dificilmente causariam estranheza. A ação coletiva torna-se de confronto quando é empregada por pessoas que não têm acesso regular às instituições, que agem em nome de exigências novas ou não atendidas e que se comportam de maneira que fundamentalmente desafia os outros ou as autoridades (TARROW, 2009, p. 19).

Trabalharemos nesta pesquisa essa noção de ação coletiva elaborada por Tarrow, pois ela consegue identificar as variações que as ações podem tomar (institucionalizada, disruptiva, monótona, dramática), e isto nos ajuda na busca por um enquadramento das ocupações em uma ou mais dessas formas coletivas de ação. Tarrow também realiza uma diferenciação entre os “novos” e “velhos” repertórios de confronto. Para o autor, os repertórios de confronto são “as maneiras através

das quais as pessoas agem juntas em busca de interesses compartilhados” (TARROW, 2009, p. 51). Tarrow observa que o repertório de confronto são ao mesmo tempo estrutural e cultural, “envolvendo não apenas o que as pessoas *fazem* quando estão engajadas num conflito com outros, mas o que elas *sabem sobre como fazer* e o que os outros esperam que façam” (TARROW, 2009, p. 51).

Assim, Tarrow distingue dois tipos de repertórios de confronto. O primeiro é o *antigo* repertório, encarnado nas ações coletivas anteriores ao século XIX, marcado por um repertório *estreito, bifurcado e particular*. Ele é estreito porque os interesses e a interação estavam concentrados em uma única comunidade. Era bifurcado porque quando as pessoas comuns tratavam questões locais elas adotavam de forma pujante a ação direta, mas quando se tratava de questões nacionais se recorria a patronos. E era particular porque as rotinas de ação variavam enormemente de lugar para lugar, de questão para questão, de um grupo para outro. Exemplo de ação do antigo repertório era a derrubada de casas usada contra coletores de impostos, donos de prostíbulos e mercadores de grãos. Essas derrubadas visavam os locais do delito e limitavam-se ao ataque direto aos que violassem as leis da comunidade (TARROW, 2009).

Em contrapartida, o *novo* repertório de confronto é de feição *cosmopolita, modular e autônoma*. É cosmopolita porque diz respeito a questões que afetam diversas localidades e centros de poder. É modular por ser facilmente transferível de um lugar ou circunstância para outro. E, por fim, é autônoma por começar pelos próprios reclamantes e estabelece contato direto com estes e os centros de poder nacionalmente significativos (TARROW, 2009). Por exemplo, a barricada era o oposto do antigo repertório representado na derrubada das casas daqueles que violavam as leis da comunidade. Uma vez percebidas as vantagens da barricada, esta podia ser utilizada com variados propósitos, unir pessoas com objetivos diferentes e ser difundida para vários tipos de confronto com autoridades (TARROW, 2009).

Dessa forma, os modernos repertórios de confronto são “cosmopolita em vez de provinciano; autônomo em vez de dependente de rituais herdados (...); modular em vez de particular” (TARROW, 2009, p. 59). A identificação dos repertórios permite, a nível metodológico, ordenar novas e velhas ações em conjuntos lógicos para a compreensão das formas de confronto político. Na medida em que o velho repertório era territorialmente paroquial, direto e baseado em valores corporativos, o novo é geograficamente abrangente, flexível e baseado em modalidades autônomas de associação criadas para a luta (TARROW, 2009). É nesse enquadramento dos novos repertórios de confronto que buscaremos uma chave analítica para a compreensão das ocupações no contexto das teorias da ação coletiva.

Nesse sentido, até o momento, nossa fundamentação teórica gira em torno de autores e categorias que versam sobre o anarquismo, os novos movimentos sociais e as ações coletivas. Esses processos insurrecionais como as ocupações, são o germen de um novo mundo, mostrando as

possibilidades organizacionais e autônomas que estão por fora da ordem estatal e dos aparelhamentos partidários que visam somente o controle desses levantes para uso de seus próprios interesses.

As ocupações de escola colocam em xeque a ordem vigente, provocando reflexões sobre o poder estabelecido e mostrando de diversas maneiras que é possível estabelecer uma relação descentralizada e sem hierarquias no cotidiano escolar, de forma que prevaleça a solidariedade e a cooperação mútua. Quem vivenciou o processo de ocupação, entendendo suas reivindicações, sua forma organizacional, experimentando e construindo o seu cotidiano, jamais será o mesmo, como demonstrou parte das entrevistas já realizadas para a produção desse projeto.

Nessa pesquisa observaremos o cotidiano e o funcionamento da ocupação iniciada no dia seis de maio de 2016 na Escola Estadual Mariano Martins, no bairro Henrique Jorge em Fortaleza, capital do Ceará. Para entendermos a ocupação precisamos primeiro analisar o que impulsionou as e os estudantes desta escola a organizarem-se, compreendendo que antes da ocupação já existiam grupos de estudos sobre a educação brasileira e sobre o movimento estudantil além de comitês permanentes que tratavam de assuntos pertinentes como: passe livre e a luta da mulher.

As ocupações de São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro serviram de impulso para concretização das ocupações de escola no Ceará, pois ao evidenciar um caminho possível para reverter a situação de abandono que existe com relação a educação pública os estudantes acabaram experimentando uma nova realidade diferente da que eles viviam, construindo um outro funcionamento da escola, promovendo oficinas culturais de dança, poesia e música, atividades esportivas, abrindo as portas da escola para a comunidade, debates e cine debates, palestras além de realizarem manifestações em bairros conversando com a comunidade explicando e mostrando a importância de se lutar por uma educação pública de qualidade. Foi dessa forma, organizados geralmente em comissões, participando todos os dias de plenárias para as definições das tarefas, pensando em estratégias de planejamento e de divulgação que os estudantes experimentaram uma escola autogestionada.

Este trabalho fundamenta-se em teorias e autores que tratam de temas que se relacionam com o objeto de estudo da pesquisa, no caso, a ocupação de uma escola secundarista durante o ciclo de ocupações de 2015-2016. Esses autores e teorias vem de áreas de estudo como anarquismo, movimentos sociais, ação coletiva, práticas insurgentes. Buscaremos relacionar essas teorias com os dados empíricos da pesquisa provenientes da observação participante e das entrevistas.

## 5. METODOLOGIA

### 5.1 Tipo de método

Esta pesquisa terá abordagem qualitativa (HAGUETTE, 2013), se baseará no trabalho de levantamento bibliográfico e em um estudo de caso. O levantamento bibliográfico será realizado em dois momentos: uma identificação de livros e artigos científicos sobre o tema do anarquismo enquanto ideologia e prática revolucionária; uma identificação de artigos sobre o tema das ocupações de escola no Brasil. O estudo de caso

consiste no exame intensivo, tanto em amplitude como em profundidade (...) de uma **amostra particular** selecionada de acordo com determinado objetivo (...) de um **fenômeno social**, ordenando os dados resultantes de forma a preservar o caráter unitário da amostra, tudo isso com a finalidade última de **obter uma ampla compreensão do fenômeno em sua totalidade**. A unidade de observação pode ser representativa de qualquer nível da realidade social. Pode ser um indivíduo, um grupo social, uma comunidade, uma organização, uma associação, um processo, uma instituição, um acontecimento (...) (GREENWOOD, 1963, p. 331. Grifos meus).

Nesse sentido, acredito que o estudo intensivo (em amplitude e em profundidade) do processo de ocupação da Escola Estadual Mariano Martins (uma amostra particular) pode contribuir para a compreensão das ocupações de escola no Brasil nos últimos anos (um fenômeno social).

### 5.2 Técnicas utilizadas

O estudo de caso será baseado em três técnicas: na observação participante (CHAUVIN; JOUVIN, 2014; HAGUETTE, 2013), nas entrevistas (HAGUETTE, 2013) e na análise de documentos primários (MANN, 1975).

### 5.3 Local de realização da pesquisa

A escola de ensino médio Mariano Martins localizada na avenida Senador Fernandes Távora no bairro Henrique Jorge que compõe a 3ª regional em Fortaleza, capital do Ceará no ano de 2016 tinha 1249 estudantes matriculados, 91 funcionários e com aproximadamente 40 compartimentos. É nessa realidade em que os estudantes estavam inseridos na época da ocupação.

#### **5.4 Descrição dos participantes**

Serão realizadas entrevistas com os estudantes que participaram da ocupação na referida escola. Até o momento foi realizada uma entrevista com dois ex-ocupantes. Maria, uma das entrevistadas na época da ocupação cursava o 3º ano do ensino médio e tinha 16 anos, hoje com 18 anos cursa agronomia na Universidade Federal do Ceará (UFC), mora no bairro Henrique Jorge, o mesmo da escola. Sua mãe é auxiliar de laboratório e seu pai encontra-se desempregado. João foi outro entrevistado, na época da ocupação cursava o 3º ano do ensino médio, tinha 17 anos e hoje com 18 anos cursa Humanidades na Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). É morador do Planalto Pici, sua mãe é costureira e seu pai servente.

#### **5.5 Procedimentos utilizados**

A observação participante foi realizada entre os meses de maio e julho de 2016 na ocupação da Escola Estadual Mariano Martins. A observação participante é uma das características do trabalho etnográfico (BEAUD; WEBER, 2014), nesse sentido, esta pesquisa possui um viés etnográfico, pois faz uso das observações, impressões e anotações do pesquisador em campo.

As entrevistas serão realizadas com membros da ocupação. As questões que guiaram as entrevistas foram a) o que levou os entrevistados a ocuparem sua escola e como se deu a organização da ocupação e b) para eles há uma influência do anarquismo no processo de ocupação? Para as entrevistas, foram selecionados um jovem do sexo masculino e uma jovem do sexo feminino. Acredito que essa diversidade de gênero reflète a composição da ocupação, que foi realizada por meninos e meninas. Obtive essas entrevistas através de contatos estabelecidos desde o processo de ocupação, onde participei e estabeleci relações de amizade. No caso da entrevista já realizada para este projeto, houve dificuldades para conseguirmos marcar uma data que ambos os entrevistados pudessem participar. A ideia inicial era da entrevista ser realizada na escola, mas pelas dificuldades de entrar na escola, foi realizada na casa do João, um dos entrevistados da pesquisa. No dia da entrevista estava acontecendo os preparativos para festa de ABC da irmã do entrevistado e casa toda estava voltada para pequena Natty o que de certa forma acabou desviando a atenção algumas vezes dos entrevistados no momento das falas, a entrevista foi realizada com os ex-ocupantes ao mesmo tempo e obtivemos a duração de 36 minutos e 6 segundos.

A análise documental terá como principal objeto as atas das assembleias da ocupação e como objetivo buscará identificar discursos dos participantes em torno do anarquismo, para compreensão da organização da ocupação e como se dava aquele espaço formativo e para além disso utilizo fotos de manifestações e de divulgação de eventos para estudo mais aprofundado sobre as dinâmicas

estabelecidas na ocupação. Configura-se, assim, como a análise de documentos primários, que são aqueles documentos produzidos pelos próprios participantes do processo de ocupação.

Escolho esta metodologia por acreditar que ela é capaz de auxiliar na resolução das questões de pesquisa. Utilizo de autores que tratam da metodologia nas áreas da sociologia, da história e da antropologia.

## 5.6 Análises realizadas

As análises se realizarão em torno da ocupação como uma forma de ação coletiva dos estudantes. No entanto, interessa-me compreender essa ação coletiva através do cotidiano da ocupação, isso quer dizer, no modo pelo qual os estudantes *fizeram* a ocupação. O conhecimento desse cotidiano provém da observação participante realizada em 2016 e de entrevistas ocorridas em 2017 com dois ocupantes já referidos

Apesar deste ser um projeto, já foi realizada uma entrevista com dois participantes, contudo se faz necessário buscar mais entrevistados para o desenvolvimento posterior do projeto. A análise parcial dessa primeira entrevista realizada com dois ocupantes ao mesmo tempo, apontam a relação da ocupação com formas igualitárias de organização e gestão do espaço escolar, chamadas de “autogestão” pelos entrevistados. Essa organização ocorria através de “comissões”, um grupo de pessoas responsável por determinada atividade, como a limpeza do espaço (comissão de limpeza) ou segurança (comissão de segurança). Outro elemento de organização presente na ocupação e já identificado nas entrevistas foi a prática do “revezamento”, que consiste na mudança das pessoas presentes nas comissões, dessa forma, uma pessoa que foi da comissão de limpeza numa semana, poderia estar na comissão de segurança em outra semana.

O “princípio da assembleia” foi uma forma desenvolvida pelos ocupantes para manterem as decisões num nível coletivo e, segundo eles, igualitário, pois “sem hierarquia”, visto que qualquer dos ocupantes podiam intervir na assembleia propondo ações ou discordando de determinadas ideias postas para discussão.

A ocupação é narrada pelos ocupantes como uma espécie de espaço de formação, no qual “a gente aprendeu, a gente ensinou”, como falou um dos entrevistados e no qual os ocupantes desenvolveram uma “consciência coletiva” dos problemas que afetavam o corpo estudantil. Em determinados momentos, essa formação, esse aprender e ensinar expresso pelo ocupante, é percebido como engendrando uma espécie de ritual de passagem (VAN GENNEP, 2011) no qual o estudante que ocupou a escola entende que “tudo mudou de alguma forma” e que “modificou nossas vidas”.

Outro elemento que emerge das falas dos entrevistados é que a ocupação modificou a rotina da escola porque tornou ela um lugar no qual se “discutia política” e não apenas para onde se ia



assistir aula e merendar. Essa mudança ocorreu também na relação professor-aluno, na qual o professor deixa de ser um “superior” e passa a ser percebido como alguém que “ajuda” dentro de uma relação de “troca de saberes”, alterando-se, assim, aquela hierarquia existente antes da ocupação.

O anarquismo é entendido como uma ideia na qual as noções de autonomia e igualdade são importantes para ordenar a ação dos ocupantes e a organização da ocupação. Dessa forma, o anarquismo é associado a uma forma de “gerir a escola”, a uma “autogestão”, a qual contribui para “fazer algo igualitário”, “não deixar alguém ser superior”, que se operacionaliza no cotidiano da ocupação com a organização das comissões e a prática do revezamento.

## 5.6 Considerações éticas

Estudei durante dois anos na escola Mariano Martins, com pouco tempo depois do término do ensino médio mantive relações com os estudantes através da militância no movimento estudantil, onde por meio da construção de grupos de estudos e comitês pelo passe livre e autodefesa das mulheres estabeleço uma relação com alguns estudantes durante um ano. É nesse período que surge a mobilização dos professores para greve e começo das assembleias, onde mais tarde seriam os locais para articulação entre os estudantes. Sendo assim, a minha participação na ocupação acaba sendo consequência da inserção que inicio na escola.

Diante das vivências geradas pelas atividades que aconteciam na escola e pela ocupação, estabeleço uma relação de amizade com alguns dos estudantes. Após a ocupação mantenho essas relações e foi isso que facilitou meu acesso para a realização das entrevistas, já que ocupação para além de uma questão política lidava com pessoas e suas histórias de vida.

### Preservação e perseguição

Assim como em outros estados do país, houve uma criminalização das ocupações por parte da mídia hegemônica e do Estado, através da polícia e do judiciário. No Ceará cerca de 320 estudantes de 25 escolas foram chamados para depor depois do fim das ocupações, sem acusações claras os ocupantes sofrem um processo de retaliação por parte do Estado. Com o intuito de intimidar os estudantes e aterrorizar seus familiares colocavam a depredação do patrimônio público como central do processo, mas tudo não passava de especulações já que não acusavam diretamente ninguém e quando citavam alguma situação era desconexa com o contexto da ocupação<sup>6</sup>. Por essa motivação a identidade dos entrevistados permanecerá em sigilo, para garantir a integridade física e moral dos

---

<sup>6</sup> Defensoria Pública pede habeas corpus preventivo para estudantes das escolas ocupadas no Ceará. O Povo online. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/08/23/noticiafortaleza.3651588/defensoria-pede-habeas-corpus-preventivo-para-estudantes-das-ocupacoes.shtml>>. Acesso em: 08 jan 2018.

participantes, assim como resguardá-los de qualquer tentativa futura de perseguição.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, o anarquismo e as formas de resistência que fogem da via legalista, são colocadas na margem, já que tencionam as estruturas vigentes e colocam-se como alternativa. As ocupações foram constituídas para questionar toda dinâmica escolar, da merenda à direção, nesse período de três meses os estudantes experimentaram uma lógica diferente da que eles já estavam acostumados, o fazer com as próprias mãos tornou-se realidade, mesmo que por um curto período. Este processo mudou se não para todos, mas para maioria, suas concepções de mundo e de suas respectivas dicotomias, mesmo que de forma micro eles puderam confrontar diversas formas hierárquicas que cotidianamente passa despercebido.

Existem diversos estigmas sobre o anarquismo, na academia nada ou quase nada se ouve falar, quando ouvimos é aquele anarquismo lotado de preconceitos, não se leva em consideração a própria história de organização da classe trabalhadora e de seus momentos de conflitos contra uma hegemonia estabelecida em cima da exploração e se nem o consideram, mais difícil ainda é destrinchar sua historicidade e suas vertentes, para muitos o anarquismo é “coisa” do século XIX e que hoje não tem significância para a luta de classes.

No Brasil podemos observar que desde de 2013, com o levante de junho (FERREIRA, 2016) houve uma crescente procura sobre o que é o anarquismo, para entender quem eram e o que queriam/querem os anarquistas. Se observamos o início das ocupações de São Paulo e sua ligação com grupos do Movimento Passe Livre (MPL)<sup>7</sup>, poderemos evidenciar sua ligação com o levante, se aprofundamos mais ainda podemos enxergar sua ligação com o anarquismo, mesmo que por algumas vezes de forma dispersa.

Diante disso tudo existe uma necessidade de nos atentarmos para esses novos repertórios de confronto (TARROW, 2009) e compreender assim, os processos de ocupação que abalaram e subverteram a dinâmica escolar e com isso apreender suas especificidades enxergando seu movimento interno e externo.

A pesquisa pretende ser transformada em monografia para assim poder desenvolver melhor questões que envolvem a organização da ocupação contrapondo a rotina escolar vigente, a formação daqueles ocupantes, que experimentaram outro tipo de saber de forma dialética (ensinando e aprendendo) e sobre o anarquismo enquanto orientação política de influência para aqueles indivíduos.

---

<sup>7</sup> Movimento de abrangência nacional, que organizou manifestações pelo país inteiro em 2013 contra os aumentos das passagens e pelo passe livre nos transportes ditos públicos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org). **Pensamentos e Práticas Insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI**. Niterói: Alternativa, 2016.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Poderes científicos, Saberes Insurgentes: rumo a uma ciência social dialética e antissistêmica. In: **Pensamentos e Práticas Insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI**. Niterói: Alternativa, 2016.

\_\_\_\_\_. Luta de classes e insurgências no Brasil: o mito da classe média, a aristocracia operária e o proletariado marginal no capitalismo flexível. In: **Pensamentos e Práticas Insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI**. Niterói: Alternativa, 2016.

FOOT, Francisco; LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1982.

GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem** (Coleção Antropologia). Petrópolis: Vozes, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAGHETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

KHOURY, Yara Aun. **As greves de 1917 em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 1981.

MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MORAES, Wallace dos Santos de. A revolta dos governados do inverno-primavera de 2013 no Brasil e suas interpretações. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org). **Pensamentos e Práticas Insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI**. Niterói: Alternativa, 2016.

SILVA, Selmo Nascimento da. Greves e Insurreição: Da teoria bakuninista à socialdemocracia contemporânea In: FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org). **Pensamentos e Práticas Insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI**. Niterói: Alternativa, 2016.

WALT, Lucien Van Der. Revolução Mundial: Para um balanço dos impactos, da organização popular, das lutas e da teoria anarquista e sindicalista em todo o mundo. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org). **Pensamentos e Práticas Insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e**

resistências do capitalismo no século XXI. Niterói: Alternativa, 2016.

WALT, Lucien Van Der. Fora das Sombras: A base de massas, a composição de classe e a influência popular do anarquismo e do sindicalismo. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org). **Pensamentos e Práticas Insurgentes**: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI. Niterói: Alternativa, 2016.